

**IMPRESSÕES DO TEMPO EM A CASA DO POETA TRÁGICO,
DE CARLOS HEITOR CONY**

Silvia Raquel Rocha¹

Eunice Piazza Ga²

RESUMO

Este artigo propõe-se a elencar algumas impressões acerca do tempo expressas no romance *A casa do poeta trágico*, de Carlos Heitor Cony. Muitas são as formas de perceber o tempo manifestadas pelas personagens da narrativa: um tempo psicológico, um tempo vivido, um tempo esperado, um tempo esvaído, um tempo contado, um tempo físico e um tempo cronológico. Todas essas formas de vivência são expressas através de tempos lingüísticos ou verbais que marcam presente, passado e futuro, num ir e vir das personagens por suas trajetórias de vida individual e conjunta. A partir da descrição dessas experiências pretende-se indicar algumas possibilidades de sentido para o texto.

Palavras-chave: Impressões. Tempo. Trajetória de vida.

1 O TEMPO

O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar eu o sei; se eu quiser explicá-lo a quem me fizer essa pergunta, já não saberei dizê-lo. (AGOSTINHO, Santo. Confissões. Porto, 1948. Livro XI, p. 346)

A citação de Santo Agostinho representa muito bem a sensação que temos a respeito do tempo e nos acalma por demonstrar que essa questão também o embaralhou.

A esse respeito, Benedito Nunes também manifesta a ideia de que parece comum aos seres humanos uma compreensão prévia a respeito da questão, assim como o é a questão da linguagem “conhecida quando a praticamos e desconhecida

quando a interrogamos” (NUNES, 1988, p.16). Segundo Nunes é em função dessa compreensão prévia, embora não explicável do tempo, que a humanidade vem tentando agir sobre e com ele, observando os ciclos da natureza (da lua, do sol, das águas, dos animais, da vida, da rotação da terra), estabelecendo relações de começo, meio e fim, e estabelecendo convenções como a cronometria, da qual decorre o calendário e outras formas lineares de contagem do tempo. De posse dessa compreensão comum e social, tornou-se possível convencená-lo para uma abstração do seu conceito.

A percepção do tempo se transformou em matéria de especulação para muitos intelectuais, especialmente a partir do século XX, talvez por consequência das revoluções burguesas ocorridas na Europa que trouxeram mudanças socioeconômicas e progressos tecnológicos que alteraram o modo pelo qual se percebia o escoamento do tempo até então. As transformações no setor de transportes, a rápida urbanização, o desenvolvimento tecnológico em geral e o desenvolvimento dos meios de comunicação, contribuíram para a aceleração de todos os processos e, por consequência, para a mudança das noções de tempo. A aceleração do deslocamento no espaço (ferrovias, rodovias, canais de navegação e, posteriormente, os aviões) relativizou a noção de *continuum* temporal.

Para Norbert Elias o estudo do tempo deve ser realizado numa perspectiva de longo prazo. No livro *Sobre o tempo* (ELIAS, 1998), o autor teoriza a respeito do fenômeno tempo dentro de um fluxo permanente, ininterrupto que é a experiência do devir sintetizada em cada ser humano. O tempo, indissociável do ser humano, revela-se pela capacidade de cada indivíduo sintetizar elementos não simultâneos em imagens mentais que, na dimensão coletiva, configura a experiência sócio-temporal. Os seres humanos são definidos por ele como centros de perspectivas temporais:

Em outras palavras, a percepção do tempo exige centros de perspectiva – os seres humanos – capazes de elaborar uma imagem mental em que eventos sucessivos A, B e C, estejam presentes em conjunto, embora sejam claramente reconhecidos como não simultâneos. Ela pressupõe seres dotados de um poder de síntese acionado e estruturado pela experiência. Esse poder de síntese constitui uma especificidade da espécie humana... (ELIAS, 1998, p. 33)

De qualquer modo o tempo é plural porque não conseguimos encaixá-lo num único conceito. Temos um tempo físico, um tempo psicológico, um tempo cronológico, um tempo histórico, um tempo vivido, um tempo esperado, um tempo linguístico, todos como formas diferentes do tempo real ou do tempo imaginário. Não bastasse, à noção de tempo está implícita a noção de permanência e de mudança, num processo constante e complexo de oposição e complementaridade, conforme já o havia registrado Platão ao dizer que o tempo é a “imagem movente da eternidade.” (PLATÃO, 1977)

No âmbito da linguística encontramos os tempos verbais em correspondência às fases do passado, presente e futuro, marcando assim uma representação condicionada à linguagem que jamais se reveste da continuidade do tempo real, o qual transita do passado ao presente, do presente ao passado, do presente ao futuro ou do passado ao futuro. Entretanto, o que o tempo real separa o tempo da ficção pode recuperar, ampliando e contraindo estes lapsos em um momento único, eterno ou invertendo a sua ordem de maneira a perturbar as suas distinções. Conforme Benedito Nunes (1988), “no plano do mundo imaginário qualquer modalidade temporal existe em função da sua apresentação na linguagem” (p.25).

2 OS VÁRIOS TEMPOS NO ROMANCE A CASA DO POETA TRÁGICO

Em *A casa do poeta trágico*, Carlos Heitor Cony (1998) apresenta-nos uma bela costura do tempo, articulando o tempo da enunciação - com pouco mais de doze horas, que se inicia num final de tarde de início de inverno, quando Mona chega à casa de Augusto (o poeta trágico) e termina na manhã seguinte quando ela deixa a casa para retornar a Milão, de onde veio para resolver algumas pendências – e um tempo do enunciado que apresenta uma viagem das personagens pelo passado, pelo presente e pelo futuro, num ir e vir em que cada um retoma a sua trajetória individual e conjunta; segundo o narrador, isso ocorre através da abertura de um “tempo não desejado por eles mas que se abriu para que ambos se olhassem, se examinassem e, cada um à sua maneira, se reencontrassem na nudez e na verdade do passado.” (CONY, 1998, p.11)

O romance nos possibilita identificar uma discrepância entre o tempo cronológico (relógio) e o tempo da mente das personagens (psicológico), pois estas vão desenrolando suas histórias, tecendo suas tramas de vida, enquanto nós leitores

vamos tendo a chance de visualizar as cenas no e com o tempo que, em princípio, é como um corredor branco: “branco como o tempo é branco quando ainda não aconteceu” (CONY, 1998, p.10) e que aos poucos vai tomando as cores que as personagens fornecem para isso.

A percepção humana do tempo é subjetiva e o fluxo do tempo é objetivo. A narrativa pode tornar presente, no ato da leitura, algo que deve ser entendido como passado:

A espacialidade e a temporalidade são componentes sintático-semânticos de uma narrativa e se definem pelo ator a que estão conjuntas (espaço e tempo do narrador; espaço e tempo do protagonista; espaço e tempo do antagonista, etc.). Sua função é dúplice e antitética: de um lado, dão-nos a impressão de naturalidade, pois as informações temporais e espaciais têm o papel de enraizar a ficção na realidade, tornando-a inteligível; mas, de outro lado, instauram o mundo imaginário, suspendendo as leis do real. (D'ONOFRIO, Salvatore. 1995. p.96-97)

Augusto encontra Mona, então Francesca, no final do verão de 1975, num cruzeiro em que ele está a negócios e ela em férias, quando o navio estava se aproximando de Nápoles. Ele conta, na época, com quarenta e seis anos e Mona com pouco mais de dezesseis. Ao avistar a moça, Augusto resolve persegui-la e tomá-la para si: “Não queria perder tempo – embora tivesse consciência de que perder tempo era o que fazia nas últimas vinte e quatro horas. Precisava assumir a dianteira: em vez de perder, era urgente ganhar.” (CONY, 1998, p.34)

Totalmente encantado, Augusto empreende uma perseguição insana a bordo do navio e depois pelas ruas de Nápoles: “mergulhado numa convulsão adolescente, provocada por uma desconhecida da qual não sabia a voz e o gosto” (CONY, 1998, p.43), disposto a vencer a concorrência, a princípio imaginária, com um homem desconhecido e por ele menosprezado por parecer grosso e sujo: “A moça, o homem grosso e ele faziam parte de uma teia formidável. Bem mais do que uma situação ocasional, era uma sequência buscada, como no pôquer.” (CONY, 1998, p.38)

Aquele sentimento novo fez Augusto vislumbrar a possibilidade de retomar a vida, de esquecer os erros do passado, como os casamentos terminados e a relação mal-resolvida com o filho: “ele podia ter a impressão de que o tempo voltara atrás, vinte, vinte e cinco anos, e tudo poderia acontecer, tudo mesmo, até aquilo.” (CONY,

1998, p.44) A moça se transformava na sua tábua de salvação. Poder conquistá-la era para ele uma nova possibilidade de vida.

Francesca perdeu os pais num acidente de carro ocorrido em São Paulo. Filha única, não ficou desamparada porque tinha um tio que morava na Itália e que a abrigou. Nas férias costumava viajar com as primas e, ao retornar da viagem de navio, foi surpreendida por Augusto, um estranho, que a abordou de forma muito direta:

Agora preste atenção: estou cansado, muito cansado mesmo, não almocei, passei o dia em pé esperando por você... meu nome é Augusto, Augusto Richet, moro no Rio, tenho quarenta e seis anos, sou desquitado, tenho um filho quase da sua idade, quero que você venha amanhã se encontrar comigo, marque hora e local, não posso perder essa oportunidade, lá no navio tentei me aproximar mas... foi impossível, você desaparecia... (CONY, 1998, p.75)

No segundo encontro visitaram Pompéia e Mona, assim batizada por Augusto, pediu que ele lhe contasse a história do mundo, vislumbrando em Augusto uma possibilidade de deixar a vida que levava em companhia do tio e fazer a sua própria história. Depois dessa noite, Mona volta para o Brasil com Augusto e com ele vai viver por dezessete anos.

O escoamento do tempo cronológico (desde a noite em que passam na casa do poeta trágico) ocorre paralelamente ao tempo psicológico, de forma subjetiva, através das digressões empreendidas pelas personagens Augusto e Mona.

Para Benedito Nunes (1988) o tempo da narrativa só é mensurável a partir da relação entre o tempo de narrar e o tempo narrado. Já para Paul Ricoeur (1995) precisamos “de um esquema de três níveis: enunciação-enunciado-mundo do texto, aos quais correspondem um tempo do contar, um tempo contado e uma experiência fictícia do tempo projetada pela conjunção/disjunção entre tempo levado para contar e tempo contado.” (p.132)

Em A casa do poeta trágico o tempo da enunciação sofre inversões (analepses), na medida em que começa por uma cena que vai ser o ponto de partida e o ponto de retorno da narração em diversos momentos do texto, numa perfeita utilização do recurso técnico-estilístico da retrospectiva.

Já o tempo do enunciado, que é o tempo dos acontecimentos, pode ser cronológico ou psicológico. Conforme D’Onófrío (1995) o tempo cronológico pode ser

medido pela natureza, como, por exemplo, pela sucessão dos dias, das estações e da existência; pelo calendário ou pelo relógio. Já o tempo psicológico não é um tempo absoluto, mensurável através de critérios fixos. No romance, o tempo psicológico ou da rememoração ganha relevo, enquanto o tempo cronológico, do enunciado, vem reforçar a intensidade das vivências durante dezessete anos.

3 O TEMPO DA RELAÇÃO

Quando se conheceram: “A conversa resumiu-se a dois pontos: o nome dela (que envolvia o passado) e o dia seguinte (que envolvia o futuro).” (CONY, 1998, p.78). O nome Mona cabia-lhe como um símbolo das coisas enigmáticas. Para Augusto, Mona era um enigma a ser decifrado, e para Mona, Augusto era a sua possibilidade de futuro.

Mas: “o que ele desejava, desse ou não desse certo o encontro, era uma troca, dar e receber – não sabia ainda o que e como.” (CONY, 1998, p.78). Ao longo da relação essa troca se estabeleceu com intensidade. Pode-se dizer que entre eles houve uma relação de parasitas, onde ora um era o hospedeiro e o outro o hóspede sugador, invertendo-se constantemente os papéis.

Augusto encontrou em Mona o seu elixir revigorante, com ela podia se sentir um homem viril, não importava a sua idade, tinha a possibilidade de viver o seu esplendor sexual aos cinquenta anos e, com ela sentia-se senhor da própria sorte e em condições de enfrentar o tempo: “...mandei plantar mudas de pinheiro, advertiram-me que custariam a crescer, demorariam quinze anos para dar sombra, eu disse que esperaria, Mona estava ao meu lado, [...] naquele instante nós poderíamos esperar quinze, cento e cinqüenta anos, ...” (CONY, 1998, p.97).

Nos anos em que viveram juntos, Mona não só conheceu a história do mundo pela boca de Augusto como também conheceu o próprio mundo, pois viajaram muito. Ao mesmo tempo, Augusto lhe ensinara todos os truques da profissão e ela foi se tornando uma profissional respeitada na agência de marketing e publicidade da qual Augusto era sócio.

A relação que começou de maneira quase incestuosa, “Eu tinha a consciência de que, se desse azar, poderia ser enquadrado em caso de sedução e sequestro. Tanto pelas leis italianas como pela legislação brasileira, a situação era delicada,

precisava tomar cuidado.” (CONY, 1998, p. 101) também deixa ver, por outro viés, uma relação quase perfeita, idealizada pelo imaginário de homens e mulheres, na qual um homem encontra uma mulher, uma menina, e decide que quer tê-la para si, consegue esta mulher e mostra-lhe o mundo, descobre-a e a ajuda a se descobrir e há também uma mulher, uma menina que encontra um homem com a chave do mundo e que pode transformá-la numa mulher. Nesse caso, anulam-se as reais características do tempo cronológico que marcam uma significativa diferença na idade dos amantes e que poderia constituir-se num empecilho para os amantes. Ao contrário, justamente esta diferença torna-se o motivo central do romance.

Assim como os pinheiros cresceram, Mona também cresceu e se tornou ela mesma capaz de contar a história do mundo: “A partir daquele instante, invertiam-se os pólos, o eixo do mundo se modificava. Ela sim, se quisesse, poderia me contar uma história que cada vez me interessava menos” (CONY, 1998, p.126).

Em *A casa do poeta trágico* temos um tempo predominantemente psicológico, pois não é um tempo mensurável através de padrões fixos. Ao longo do romance as duas personagens protagonistas são apresentadas como elementos integrantes do plano do enunciado e do plano da enunciação, alternadamente. As personagens nos permitem visualizar um tempo a elas relativo (ora Augusto, ora Mona) porque é um tempo da percepção de cada um para os acontecimentos e suas afecções particulares.

4 O TEMPO DE AUGUSTO

“Explorando o tempo vivido, o romance contemporâneo descobrirá os arquétipos inconscientes, elementos intemporais da conduta humana entremados à *duração interior*.” (NUNES, Benedito, 1988, p.67) Considerando esse aspecto, Augusto é o próprio poeta trágico. Quando encontra Mona, já vivenciara várias experiências negativas: dois casamentos falidos e um filho drogado com o qual não conseguia se relacionar. Mona representou um sopro na chama do seu tempo:

O tempo.

Tempo que rolava desde antes da criação do universo, o tempo de repente parou. Não saberia dizer se esperou cinco ou cinqüenta minutos, cinco horas ou cinqüenta séculos; sim, ele se conhecia nesses momentos,

penetrava numa dimensão estranha e incontornável, a dimensão que antecede o tempo – ou o faz nascer. (CONY, 1998, p.36)

Augusto prometeu à Mona contar-lhe a história do mundo e não a sua própria história, por isso omitiu dela muitas coisas que foram aparecendo durante a relação. Após o suicídio do filho, e assumindo uma grande culpa, Augusto pensou em se isolar na casa de Itaipava e ficar cercado pelos pinheiros que ele esperou crescerem, descobrindo que:

O homem – qualquer homem – é uma casa habitada por um poeta que, sabendo ou não sabendo, tem um sentido trágico.

Poeta que inventa o seu próprio poema, poeta condenado a habitar a casa que é ele próprio, e de repente as paredes se desmancham e não é mais casa, sobrando o cão à porta, uma porta que não existe mais, o cão coberto de cinzas guardando o nada. [...] Sentia, imprecisamente, que o mundo seria a véspera sem fim do meu próprio funeral. (CONY, 1998, p.120-121)

Com as coisas em comum ficando cada vez mais raras na convivência entre eles, chegaram à separação. Após a separação ele acreditou estar doente e passou a usar uma cadeira de rodas. Deixar de andar sozinho e viver na casa cercada por pinheiros que não lhe permitiam mais ver o horizonte é uma metáfora para a vida de Augusto que, sem Mona, defronta-se com a realidade do seu tempo, um tempo esgotado e irrecuperável que é diferente do tempo de Mona, conforme se pode perceber no diálogo das personagens na noite em que se encontram:

- Ainda bem que sobrou tempo para você. Tudo se resume a ter ou não ter mais tempo. Você tem. Eu não. Apesar de contraditório, isso ainda nos une... o tempo... [...]

- eu sou o antigamente. Não era velho, mas era antigo quando a procurei em Nápoles. E sempre fui antigo para você... lembra a história da caixa de fósforos? Você tem muitos fósforos para queimar... eu só tenho um... preciso acendê-lo com muito cuidado... (CONY, 1998, p.142)

A consciência do tempo esvaído e do tempo restante, frente ao seu estado psicológico de total desânimo, da sensação de já ter esgotado todas as possibilidades de vida, fazem com que Augusto se sinta um “homem acabado” no sentido de derrotado e no sentido de finalizado. Percebe-se que, mesmo tendo

consciência dessa situação, não é com total tranquilidade que isso acontece, pois para um homem poderoso como Augusto, que agiu sobre o seu destino, render-se à sua impotência diante do tempo não é tarefa fácil. Por isso, em boa parte, o esplendor de Mona e a sua possibilidade muito maior de vida, não agradam a Augusto:

Ele rompera o caos, separara terras e águas, dias e noites, criara Mona e todos os luzeiros do firmamento, os pássaros do céu e os peixes das águas. Infinitamente imperfeito, tinha orgulho de sua Criação, amava-a, mas a condenava. Sobretudo, não a perdoava. (CONY, 1998, p. 9)

5 O TEMPO DE MONA

Mona conheceu Augusto ainda menina:

...aquele homem saído de uma névoa do Mediterrâneo, [...]aquele homem trinta anos mais velho, com um gosto esquisito na boca e nas palavras, fantasma que vinha de outro tempo, fantasma que a transformara em Mona, Mona sem Lisa, apenas Mona – e como esse nome a definia, definindo também o homem agora derrotado pela idade, ... (CONY, 1998, p.48)

A partir de Augusto, Mona começou a viver, mas poderia ter sido através de qualquer outra pessoa que cruzasse o seu caminho, como por exemplo o “homem grosso” que era seu professor em Nápoles e com quem teve sua primeira experiência sexual. No início Mona dependia de Augusto, era “metade hera, metade mulher”, mas com o tempo foi criando luz própria e ganhando autonomia. A partir daí ela começou a advertir Augusto “*cave canem*”.

Mona queria conhecer a história do mundo, modestamente, mas depois foi ficando mais exigente. Queria um filho, queria se casar e se Augusto não pudesse corresponder ela poderia ir com as próprias pernas para outro mundo. Quando ela recebeu um convite para trabalhar em Milão, convidou Augusto para ir junto, mas ele preferiu ficar em Itaipava. Ela já estava desapaixonada e sabia:

Ele fora perfeito: ensinara-lhe o que sabia. A própria fuga, que inicialmente fora uma decisão dela, logo se transformou numa lição dele – a última. E por mais que sofresse a separação, abrupta, sem causa precisa, Augusto saberia que ela continuava a ser criação dele. Sem amarras, ela estava

pronta para exercer sozinha a liberdade que lhe ensinara. (CONY, 1998, p.151)

Em Milão, Mona seguiu sua vida, gozava de sucesso profissional e estava casada novamente, mas sentia a necessidade de mais uma vez ver Augusto para verificar o estrago que lhe causara e para ter certeza dos seus sentimentos. É uma atitude que vem assinalar a presença do tempo, não como força opressora, mas como algo superado. Com efeito, Mona seria, para sempre, a sua criatura, mesmo vivendo em outro tempo e espaço.

Na noite em que volta para a casa de Itaipava, Ela percebe que Augusto “nunca fora bonito, mas imponente, transmitia força, poder, ela o amara com tudo o que podia, talvez ainda o amasse porque nunca se libertara dele” (CONY, 1998, p.50). Só que isso não a impediria de desbravar a vida que lhe sobrava.

O retorno de Mona à casa de Itaipava exemplifica a noção de “montagem-do-tempo sobre o espaço” na qual temos a coexistência de dois elementos ao mesmo tempo, no caso temos um espaço imóvel sobre o qual o tempo muda. Para ela valia a história da sala de cinema que Augusto sempre lhe contava: ela estava por entrar e curtir o filme; ele estava saindo. Já perdera o encanto.

6 A FUSÃO

Uma noite. Este foi o período de tempo cronológico que permitiu às personagens Mona e Augusto retomarem os dezessete anos de vida em comum, numa costura muito elegante do tempo que encanta o leitor: “No silêncio da noite sem estrelas, [...] duas sombras esperavam o tempo passar sabendo que o presente já era passado – e se isso os unia, também os separava.” (CONY, 1998, p.173)

As fronteiras entre passado, presente e futuro foram abaladas por esse romance. Segundo D’Onófrío:

O passado, no ato de ser lembrado, perde sua pureza de passado e torna-se presente. As experiências intermediárias entre o evento passado e o momento da lembrança fazem com que esse passado não possa mais ser recuperado na sua integridade, porque se transformou pelo decorrer do tempo. O que resta, portanto, é apenas o presente existencial, convergência do passado modificado pela memória e do futuro pressentido pelo espírito. (D’ONÓFRIO, 1995, p. 101)

As personagens de *A casa do poeta trágico* vivem aquele presente, que encerra a história sentimental de ambos enquanto casal, com a certeza de que ele já era passado, pois não haveria possibilidade de retorno, mesmo que esse passado tenha sido de grandes significados para os dois. Nessa fusão do tempo e dos sentimentos presenciados, através deste elaborado texto, o poder da linguagem, pois somente através dela podemos recuperar o tempo vivido, antecipar o tempo esperado e relatar o tempo presente, comprovando que o que o tempo real separa o tempo de ficção restabelece.

**IMPRESSIONS ABOUT THE TIME IN *THE HOUSE OF THE TRAGIC POET*,
BY CARLOS HEITOR CONY**

ABSTRACT

This article proposes to present some impressions about the time describes in the narrative *The house of the tragic poet*, by Carlos Heitor Cony, published in 1998. There are many ways to perceive the time demonstrated by characters of this narrative: a psychological time, a lived time, an expected time, a dissipated time, a counted time, a physical time and a chronological time. All of these ways are express through linguistics' times wich have mark the present, the past and the future, in come and go of characters through theirs individual and conjoined trajectories of life. From the description of these experiences forward we are proposing to show some possibilities of sense to the text.

Keywords: Impressions. Time. Trajectory of life.

NOTAS

¹ Mestre em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul, RS, Brasil – UNISC/2011.

² Profa. Dra. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNISC, RS, Brasil.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Porto, 1948. Livro XI.
- CONY, Carlos Heitor. *A casa do poeta trágico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto*. São Paulo: Ática, 1995.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- PLATÃO, Timeu. *Diálogos*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Edição da Universidade Federal do Pará, 1977. v. XI.
- RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Papyrus, 1995.

Recebido: 28 de outubro de 2011
Aprovado: 12 de dezembro de 2011
Contatos: srocha@unisc.br
piazza@unisc.br